

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 13 DE OUTUBRO DE 1999

*Senhor Ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho; Senhor Ministro da Educação, Paulo Renato Souza; Senhores Professores e estudantes que participaram deste programa Protetores da Vida,*

Quero juntar minhas palavras, muito brevemente, ao que foi dito pelo Ministro Sarney e manifestar a nossa satisfação de ver um conjunto tão grande de jovens preocupados com a questão do meio ambiente, bem como o esforço que fizeram de, vindos de vários lugares do Brasil, se reunirem aqui, em Brasília, para fazer reflexões sobre aquilo que é essencial, que é a proteção da vida. Não se protege a vida se não se começar pelo que permite que a vida exista, que é o conjunto do meio ambiente. O fato de vocês se sentirem sensibilizados pelo tema já mostra que temos uma juventude que está disposta a melhorar as condições do Brasil.

Acabei de receber a carta de vocês, e as primeiras frases já são elucidativas: “A vida depende do ambiente e o ambiente depende da gente. Vamos todos, juntos, nos mobilizar para o ambiente preservar.” Não precisaria mais nada. Isto aqui já diz tudo o que tem de ser feito. Já dá,

digamos, a concepção básica do que é o meio ambiente e que depende da gente. Esta gente somos todos nós.

Esse meio ambiente não pode ser entendido, simplesmente, como alguma coisa separada da pessoa, do ser humano. Não é a natureza, como se nós não fôssemos parte da natureza. Nós somos parte da natureza.

Da mesma maneira como nós temos que proteger, portanto, uma árvore, proteger o ar que se respira, proteger os rios, para que não se poluam, ter uma educação ambiental para evitar que o lixo, os dejetos perturbem a condição de reprodução da vida, temos, também, que olhar para as pessoas. Uma das condições de proteção do meio ambiente é melhorar a condição de vida das pessoas. A questão da pobreza, a questão das condições de vida concreta da população são diretamente ligadas ao meio ambiente.

Hoje se discute a questão das queimadas. Todo ano temos momentos da vida, do ano, do ciclo vital em que existe uma época de queimada. Não é só no Brasil. Em muitas partes do mundo há esse hábito.

Mas o que acontece? Essas queimadas, hoje, muitas vezes são fruto da absoluta falta de condição de uma vida mais decente. As pessoas não sabem, não têm condições de cuidar melhor da terra senão botando fogo. Tocam fogo para poder plantar. Fazem isso porque têm condições de vida que não são boas.

A mesma coisa no que diz respeito ao lixo. Recentemente, a minha mulher, a Ruth, foi ao Amazonas, com nossos netos, em São Gabriel da Cachoeira. Foram até o Pico da Neblina. E ficaram, até as crianças, muito impressionadas, porque nas regiões da Amazônia, mesmo nas regiões tribais, havia muito lixo. Lixo no meio do mato. Vejam como a coisa é complicada.

Evidentemente, essas populações autóctones, no passado, não destruíam, não havia esse problema. Elas também não recebiam, por exemplo, embalagens de plástico. Então, era tudo biodegradável. Agora não. Agora, mesmo as populações mais remotas recebem cassetes e embalagens de plástico. Daqui a pouco vão ter telefone celular – aliás, acho que o Ministro tem que prestar atenção a isso. O que fazer com as

baterias dos telefones celulares, que estão crescendo aos milhões, no Brasil? É preciso dar uma atenção toda especial a esse problema.

Então, ou se educa essa população ou se dá condições melhores de vida para ela. Ou vai acontecer o que a moça que me entregou esse documento tem mais medo que aconteça: ficar só nas palavras. Para não ficar só nas palavras, não é uma questão de que o Ministro, o Presidente, o professor saibam o que têm que fazer e assinem decretos. Não é isso. Não é só a “vontade política” de alguém que resolve o meio ambiente. É muito mais complicado que isso. É fazer com que haja, realmente, uma preocupação de todo mundo, de toda gente, como se diz aqui na primeira frase da carta.

Se não houver, realmente, uma espécie de cruzada de todo mundo e se não houver educação, informação para saber o que é bom, o que é ruim, como é que preserva, como não preserva, não adianta ter só a lei, só o código, só a proibição, só a multa, porque eles vão ser insuficientes. Enquanto não entendermos, dentro de cada um de nós, que a preservação do meio ambiente é a preservação da vida, é a nossa própria espécie que está em jogo. E enquanto cada um, como indivíduo, não se sentir diretamente tocado pela questão do meio ambiente, vamos ter repetição permanente de que o meio ambiente está se degradando.

Não quero deixar de dizer aqui que, no caso do Brasil, tem havido um avanço na questão do meio ambiente. Tem havido um avanço.

Falei das queimadas. Conseguimos, este ano, evitar que as florestas, que no arco da Floresta Amazônica houvesse queimada. Já foi um progresso. As queimadas foram, basicamente, aqui, na região do cerrado. Ou então as que vieram, separadas pelo vento, para o Pantanal. Muitas vieram até de outros países. Então houve uma preocupação.

Existe aqui um sistema de alarme para poder detectar as queimadas. Eu até disse, outro dia, que isso só nos dá mais angústia, porque nós, hoje, pelos satélites, sabemos onde é que está pegando fogo e não temos condições de apagar o fogo, que é no meio do mato, porque é difícil o acesso, porque não tem gente. Mas houve, de qualquer maneira, um avanço.

Este lago, até há pouco tempo, era poluído. Hoje, está diminuindo a poluição deste lago, aqui, na nossa vista. Porque há uma preocupa-

ção: temos que tratar o esgoto. Isso em qualquer região do Brasil. Vemos que uma das condições fundamentais para melhorar a saúde das pessoas, para que a mortalidade infantil continue baixando é o saneamento básico. E saneamento básico é meio ambiente, é esgoto, tratamento de água. Temos que fazer um grande esforço. Por isso, o Governo está preocupado em chamar capitais privados para ajudar a fazer o saneamento. O Governo não tem dinheiro para fazer isso. E é muito dinheiro de que se precisa. É muito dinheiro. Saneamento é muito caro.

Então, temos que criar condições para que todo mundo se responsabilize pelo saneamento. Por isso, temos que privatizar algumas empresas. Temos que fazer uma parceria do Governo com outras empresas. Temos que fazer um grande esforço para sanear. Se não sanarmos, não vamos conseguir continuar baixando a taxa de mortalidade infantil, como nós estamos fazendo. Estamos fazendo um grande esforço para preservar a vida, proteger a vida das crianças. A taxa caiu muito nestes últimos tempos. A Pastoral da Criança é um grande trabalho feito com recursos basicamente federais e com a ação da Igreja Católica. Ela tem um acompanhamento das taxas de mortalidade. Elas caíram muito. Não me lembro exatamente, mas está por coisa de 14 por mil. Na média brasileira é mais que isso, são por cada mil que nascem, 34 morrem. Num país desenvolvido, com mais cuidado, são 10, 7.

Bom, baixou muito. Era muito mais do que isso. A Pastoral da Criança tem níveis mais baixos ainda. Mas chegamos a um ponto em que o que nós fazemos, que é a atenção materno-infantil, que são certos cuidados, não vão ser suficientes porque não há saneamento básico. A coisa mais importante para continuar diminuindo a mortalidade infantil é ter água tratada e esgoto. Isso é meio ambiente. Portanto, meio ambiente não é só ter um ar puro para nós respirarmos – é também. Não é só ter o Pantanal preservado – é também. Amazônia bem cuidada – é também. Mas é também gente, pessoa, porque se não se cuidar do meio ambiente não se consegue cuidar bem das pessoas.

Já falei além do limite. Aqui, os princípios que vocês estão propondo são os princípios de generosidade e solidariedade, de fraternidade, de

amor, de não discriminação de raça, de classe. São todos princípios saudáveis de uma democracia que o Brasil terá de ser, crescentemente.

Só tenho que, finalmente, agradecer a vocês, dizer que é por aí, é mobilizando pessoas de todas as idades, é fazendo com que as pessoas tenham cada vez mais consciência do meio ambiente que nós vamos, realmente, preservar e proteger a vida.

Nada mais expressivo para comemorar o Dia da Criança, que foi ontem, do que realmente ver que a criança hoje é um cidadão. Não é alguma coisa, não pode ser considerada como alguém que não sabe o que quer, como alguém a quem se puxa a orelha. Passou essa época. A criança, hoje, é um cidadão, é uma pessoa que pensa, que atua, que propõe princípios, que ajuda a construir um país.

Quero agradecer a vocês todos por este exemplo de amor à vida e de cidadania.

Muito obrigado.

